

Brasília, 31 de Outubro de 1988.

Ilmº Sr.

Dr. Iris Pedro de Oliveira
MD. Presidente da FUNAI

Senhor Presidente,

Em anexo, a carta-falada do Marúbo Raimundo Dionísio, do Posto Vida Nova, rio Ituí, Esta carta é continuação de uma outra que V.Sa. já teve oportunidade de receber. O uso da fita cassete foi um recurso estratégico que os Marúbo engendraram para se comunicarem pessoalmente com V.Sa.

O relato da história da exploração econômica da área indígena Marúbo, por peruanos (na época da exploração do caucho) e depois por regionais, demonstra a atual preocupação pela definição do território Marúbo e, conseqüentemente, do Parque do Javari.

Esperando que o relato sensibilize e informe V.Sa. sobre a problemática do Parque, ponho-me a disposição para fornecer explicações complementares.


Delvair Montagne



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

CARTA-FALADA AO PRESIDENTE DA FUNAI

Missivista: Raimundo Dionísio da maloca de
João Pajé (rio Ituí)

Tradutor: Benedito Dionísio Raimundo (trou-
xe a fita e traduziu em Brasília,
abril de 1988)

Transcrição: André Luis Fonseca

Revisão do Texto: Delvair Montagner

O Raimundo é quem está contando a história das pes-
soas antigas, de como era no passado. Cada pessoa tinha uma
maloca e cada maloca tinha um tuxaua - chefe, que no tempo do
meu pai era de verdade.

Eu vou explicar para vocês ouvirem, como foi o come-
ço destas pessoas. Eu (me) lembro de como contar esta histó-
ria. Esse homem, o tuxaua, o primeiro cacique da maloca da
nossa aldeia, o nome dele era Domingos. Ele contava esta his-
tória, de como as pessoas foram mortas. Essa história é verda-
deira (mito da Criação). No tempo de meu pai ele era o mais
velho da maloca, na nossa aldeia.

Agora, os meus parentes antigos moraram em outra â-
rea, que no começo das pessoas, ficava no fundo do Curuçã (ca-
beceiras), mas lá os índios abandonaram o ... As pessoas ve-
lhas e os tuxauas da maloca morreram e a gente veio morar den-
tro do fundo de Ituí (cabeceiras). Aí, a gente conseguiu fi-
car no lugar de outros tuxauas, que morreram na nossa maloca.



Neste lugar onde as pessoas antigas moraram, era a terra onde a tribo Marúbo foi formada. Vou dizer quantas pessoas foram mortas. (Onde) os velhos antigos das malocas e os tuxauas lá deste lugar moravam, (havia) muita gente. É como vocês (que) moram aqui na cidade, cidade grande. Várias tribos moraram neste lugar e cada tribo tinha um nome, como vocês que moram aqui na cidade, que têm brasileiro, portugueses, americano, espanhol, holandeses, japoneses. É o mesmo assim (com) a gente (que) morava neste lugar. Nosso lugar foi abandonado.

Então, cada tribo foi morar em outras malocas e outras tribos nas mesmas malocas. Agora, vou dizer os nomes das tribos, mas lá as pessoas falavam a língua delas. Falavam só uma língua. Não é como outras tribos que falam outras línguas, eles falavam uma língua só: a língua dos Marúbo. Eu vou contar para vocês, os (nomes das) tribos que moravam neste lugar. Em minha língua chama-se Barinawabo, Sranenawabo, Isconawabo, Cananawabo, Inonawabo e Chainawabo (seções matrilineares).

As pessoas antigas que vieram subindo por este rio, tinham pouca alimentação, mas era tanta gente! Aguentaram a fome porque elas não comiam caça grande, só comiam bicho de pena. Não comiam caça grande porque tinham medo que fizesse mal a todas elas. Só comiam peixe porque tinha pouco sangue. Agora, as antas, os porcos, as queixadas, elas não comiam suas carnes. Foi ainda, passando muitos anos, aí conseguiram matar caça e comer carne de caça grande. (Pausa).

A gente não namora, só mesmo (com) parentes ou companheiro, porque a gente lá não conhece as pessoas, as mulheres, os homens. (Pausa).

Neste lugar (havia uma) ponte... e aquelas pessoas que estavam fazendo coisas erradas, rapaz mau com to-



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

dos e rapaz que não fazia as coisas importantes, que mexia com irmã, mãe, (não) passaram, (não) atravessaram essa ponte. As pessoas que não faziam essas coisas ruins, atravessaram em primeiro; separaram as pessoas. Pararam aquelas que vieram atrás, que foram salvas pelo "Satanás". O "Satanás" salvou-as. Então, vamos matar essas pessoas, todas. Aí, quando atravessaram as demais pessoas para o outro lado do rio, elas passaram um pedaço, chegaram no meio da ponte, rolaram o ... (pau?) e afundaram a ponte. Acabaram muita gente, morrendo no meio do rio. Quem conseguiu atravessar o meio do rio, vieram e andaram no outro lado do rio com seus parentes. Ainda tinha muita gente que vinha subindo esse rio. Aí, quando chegou no outro lugar, tinha uma forquilha no rio. Lá, tinham que se repartir as pessoas, separar as que queriam morar no outro afluente do rio e aquelas que queriam subir o outro lado. Então, uns atravessaram para o outro lado e outras subiram o afluente do rio. Este rio chama-se Ituí que deságua no Javari. E só subiam as pessoas chamadas Sranenawa, Barinawabo e um bocado. Subiam beirando outro rio, afluente deste mesmo rio. Eles queriam morar nas cabeceiras deste rio.

Agora, neste rio chamado Ituí, afluente do Javari, subiam meus parentes, todos meus parentes. Toda a minha família queria morar nas cabeceiras deste rio; e na parte direita da cabeceiras deste rio, outra tribo queria morar também, tribo esta que se chama Coronawabo(?) Assim, as famílias se dividiram e conseguiram morar nas cabeceiras deste rio. Assim contou-me um homem velho chamado Domingos.

Foi desta maneira que conseguimos morar nesta área, onde vocês chamam Maronal-Curuçã. Foi neste mesmo lugar que as pessoas velhas morreram. Os tuxauas conseguiram arrumar um local para morar nas cabeceiras do rio Ituí. Esta



é uma história contada pelos meus antepassados. (Pausa).

Os brancos queriam que os índios comprassem espingardas e alimentação deles, queriam dar para eles, mas estes não queriam, porque tinham medo de pegar as suas doenças. O padrão deles chamava-se Henrique.

Aí, as demais tribos que moravam em outras áreas, viram que outros parentes já haviam recebidos aqueles materiais, pensaram que eles estavam querendo comprar também. Avisaram outros parentes e foram comprar as mercadorias de Henrique. As tribos conseguiram comprar as mesmas mercadorias dos brancos. Algumas tribos ganharam primeiro. Estas tribos moravam em outra área que ficava dentro do Curuçã e Maronal. Eles não saíram para a cidade, não foram atrás de comprar as mercadorias, mas o madeireiro e o regatão chegaram na maloca deles, encostaram no porto. Conseguiram as mercadorias e outras coisas, e deram para eles usarem. Então, conseguiram tudo igual. Cada maloca conseguiu coisas iguais para elas usarem, coisas dos brancos.

As mulheres antigas usavam suas roupas, que eram feitas de algodão. Faziam saia de algodão que usavam como roupa.

E na outra área em que moravam outras tribos, o padrão deles chamava-se Guilherme. Agora, nas áreas que moravam outras tribos parentes dos Marúbo, o lugar era chamado Arrojo; eram parentes dos Marúbo, mas com nomes diferentes, em nossa língua (este lugar) chama-se Tasráya. (Foi) assim, que as pessoas conseguiram (contato) com os brancos e começaram a usar coisas deles, as ferramentas, os materiais dos brancos.

Nas outras áreas, quem vendia as coisas para eles era o Ricardão, o padrão deles. E começaram a conseguir com os brasileiros as coisas, isso era no tempo do pai do Domingos. O pai dele era muito novo, ele contou essa história para o filho aprender e contar às outras tribos, que não sabiam desta história direito.



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

Aí, eles conseguiram ficar trabalhando com os brancos e ganhando as mercadorias do patrão, que já vendia muitas coisas para eles. Uns 10 anos atrás, os índios pegaram doenças dos civilizados, o sarampo, e morreu muita gente. Acabaram muitas tribos por causa do sarampo e só ficaram os Robonãwabo (?), ^{que} era outra tribo, ficando no lugar deles. Os brancos chegaram nas áreas deles, mataram alguns Marúbo, pegaram as mulheres e trouxeram (para) este lugar, cujo nome não posso falar, porque não tem um nome certo (em português). Trouxeram as esposas deles, pegaram as filhas e as mulheres (índias).

Chegou o comerciante, o mesmo que tinha mandado ma deireiro e seringueiro atacarem a maloca desses Sranenãwabo. Pegou as mulheres e os filhos, e levou ao patrão dele, que era um homem muito rico. Chegou no lugar aonde eles moravam, que chamava-se igarapê Niro (macaco-de-cheiro). Chegaram as mulheres com os maridos e filhos. O patrão dele perguntou: Porque vocês trouxeram essas mulheres dos índios? Porque mataram esses cablocos? Ninguém mandou vocês matarem esses cablocos. Agora, vocês vão deixar elas e os filhos. O patrão tomou as armas desses peruanos. Eles ficaram sem armas e as mulheres voltaram para a maloca. Quando elas chegaram na maloca, algumas ficaram com os maridos, que tinham fugido para o mato, indo morar num lugar novo.

Foi o homem que tinha falado aos trabalhadores para pegarem as mulheres dos Marúbo, que mandou soltá-las e que voltassem à maloca. Lá, disseram que as mulheres que tinham chegado na casa deste homem, falaram aos trabalhadores para não matarem mais e nem... os Marúbo. Aí, entregaram muitas mercadorias, armas, terçados, machados, roupas e facas para elas. Disseram às mulheres Marúbo: vocês podem voltar para a maloca e dizem aos maridos para não matarem mais os brancos,



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

porque aqui quando vocês precisarem das coisas, a gente dá. Então, vocês e os maridos vão ter que trabalharem para ganharem as mercadorias. O homem rico falou para elas irem para a maloca. E as mulheres foram.

E quando voltaram, encontraram com os homens que tinham fugido e deram as mercadorias que tinham ganho dos brancos. Disseram aos maridos para não matarem e não ficarem com raiva deles, porque são homens bons, homens ricos. Então, vamos usar as coisas, as ferramentas, que é melhor para a gente. Aí, os maridos foram falar com o homem (branco). Chegaram na casa dele e disseram que os índios tinham amansado e (que) os Marúbo não matariam mais os brancos, mas os brancos também não matariam os Marúbo. Ficaram assim como parentes e lá neste mesmo tempo, (os Marúbo) ficaram mansos porque conheceram melhor os brasileiros. E logo (os brancos) começaram a ensinar o trabalho deles, como se ganhava dinheiro. Os índios e outras pessoas ganharam as coisas deles. (Os índios) com os seus produtos, ganhavam, compravam. Trocavam mercadorias por milho, chapéu de pena de arara e lança. Lá, (os brancos) conseguiram ensinar o trabalho deles, como a gente ganha dinheiro.

Disseram aos índios que as mulheres que foram pegadas na maloca, voltaram à casa do homem rico. Quando chegaram na maloca delas, disseram que esse homem, chamou seis pessoas para falar com ele e que ele estava esperando, na sua casa, os maridos delas. Aí, eles foram. Quando chegaram no lugar onde ele morava, na casa dessa pessoa, madeireiros (e seringueiros) estavam derrubando árvores (na hora que chegaram lá). Os índios ficaram escondidos e pegaram cinco brasileiros. Um deles puxou o rifle e o revólver a bala, querendo atirar nos índios. O chefe dos comerciantes não deixou que os matassem. Lá, eles apartaram-se e não deixaram os homens matarem os índios, os soltaram e mandaram ficar num canto.



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

O patrão dos comerciantes falou que não precisava matar os Índios, nem brigar com eles. Vamos ensinar aos Índios e a seus parentes a trabalharem com a gente, ensinar como se ganha dinheiro. Assim, fica melhor para eles, ensina-se como trabalhar, ganhar dinheiro e trocar mercadorias. Nós vamos ensinar isso a eles. Aí, fizeram uma reunião com essas pessoas. Eles se consideraram como parentes (dos Índios). Levaram os Índios para as suas casas e deram comida. Os Índios não sabiam português, mas entenderam o que eles queriam dizer. Depois que os Índios acabaram de comer, conversaram um pouco (entre si), cada um na sua língua. Os brancos deram ferramentas para trabalharem e ensinaram os Índios a usarem as espingardas. Eram seis Índios e cada um ganhou rifle, cartuchos e mais mercadorias para trabalhar. Cada um pegou 10 panelas e 10 tigelas (que vocês chamam taça). Voltaram, levando um pouco para o povo. Foi assim que eles trocaram as mercadorias. Depois os brancos voltaram à maloca dos Índios. Foi assim que os Índios aprenderam os trabalhos dos brancos.

Este homem rico cujo nome dele é Zacarias, os Sranená-wabo trabalhavam para ele. O patrão deles era Zacarias. Aí, os Índios não mexeram mais com os brasileiros.

Eu fui falar com o comerciante, que é muito rico mesmo, que morava na boca do Paraguaçu. O seu nome é Zacarias, esse é o nome do patrão, mas o nome dele, que também é rico, é Emílio.

Lá, conversaram com eles e também arrumaram para a gente trabalhar. Mandaram os seringueiros e madeireiros colocarem eles para trabalharem no seu lugar (colocação). Nunca faltavam mercadorias para eles, ganhavam muita coisa e ficaram assim como brasileiro. Cada maloca tinha agricultor, cortador de madeira, cortador de seringa e trabalhador de caucho, e fazia



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

pele de porquinho. Neste tempo compravam caucho, borracha e carne salgada, e vendiam estes produtos. Faziam isso ^oque o patrão mandava, tinham conversado com aqueles comerciantes de perto da aldeia deles.

Neste tempo começaram a andar de canoa, remando, subindo o rio. No passado não conseguiam fazer canoas. Eles andavam só a pé, mesmo por terra, beirando o rio.

Lã, conseguiram usar as armas de brasileiros e também brasileiros iam na maloca, nas festas e dançavam com eles. Ficavam assim como parentes e agradavam-se muito dos brancos, ficando melhor para eles. Neste tempo que foi feito isto, tínhamos conseguido (a amizade) das pessoas brancas. Nós fomos amansados agora. Naquela época não tinha a segurança da FUNAI e também os Marúbo conseguiram no passado, mais de 200 anos atrás, (amizade) com os brancos de lá, (permanecendo) todo o tempo morando neste lugar e passando bem. Não faltavam mercadorias para nós.

Aí, os peruanos passaram muitos anos morando junto com os Marúbo, na maloca dos Índios. Estes gostavam deles. O governador disse que não ia mandar mais para esta área, Rio Paraguaçu, seringueiros, pescadores, madeireiros, já tinha feito outra fila para levar ao município deste lugar.

O peruano dizia que não tinham mais famílias por lá e cada vez morria mais gente. Eles pensavam que tinham matado muitos cablocos de lá e que também as pessoas peruanas haviam morrido. Eles tinham comido muitos Índios (?), por isto que falavam que tinham que ir embora, tinham que deixar todas aquelas mercadorias. Todas as mercadorias que eles usavam, deixaram lá. Não ficou mais nenhuma gente. Foram em três barcos, os encheram e desceram o rio, deixando todas as pessoas nesse lugar. Na cidade, o governador falou daquela área e (que) não mais morassem nela. Vieram todo o mundo, não ficou mais nenhum



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

lã. Ficaram sô os Marúbo. Os brancos deixaram todas as mercadorias lã, ficando do outro lado do rio. Lã, sô ficaram os Marúbo. Os peruanos foram embora e abandonaram esta área. Sô ficaram morando os Marúbo dentro do rio Ituf. Passado dois anos, eles voltaram ao Rio Curuçã, foram morar com outros parentes.

Os Marúbo estavam muito tempo lã, quando chegou outro patrão, era um que estava no posto dele, que os conheciam. Naquele tempo o Domingos tinha seus dezoito anos, era rapaz. Ele estava no lugar, com os seus irmãos. Os mais velhos e o primeiro irmão dele ficaram trabalhando para o peruano.

Aí, quando os peruanos foram embora, o Domingos já era homem e conseguiu outro lugar na banda do Curuçã. Chegou o português, o nome dele era Ivo Lopes. Este homem que já conhecia o Domingos, mandou (que) trabalhassem para ele. O patrão dele mandou que tirassem madeira e trabalhassem logo. Os Índios foram trabalhar para ele, moravam no Curuçã.

Os Índios ficaram um tempo trabalhando com ele e trabalhando para ele. Aí, chegou outro patrão, falando aos cablocos, aos Marúbo, que não trabalhassem mais para aquele patrão, porque ele estava enganando-os. Agora, vocês vão trabalhar para a gente e eu dou toda a mercadoria que vocês precisam. Ele contou que o outro estava enganando-os. Os cablocos pensaram (sobre) isso e não quiseram trabalhar para o outro. E, ainda, de todos eles, quem ganhava mais era o patrão que chegava primeiro, o outro chegou depois. Aí, mandaram os Marúbo matarem o patrão que queria ficar no lugar dele, mas eles não tinham coragem de matá-lo. Eles se encontraram na viagem, num canto, que não tinha gente. O peruano (era) o mesmo que matara o patrão deles, ficando no seu lugar. Ele ficou sempre comprando os produtos dos Índios. Enganava-os e eles abandonaram esta pessoa. Não queriam mais trabalhar para ele porque os estava enganando e já tinham trabalhado com patrão bom, que já passou. Assim, quando estavam necessitando, eles tiveram isso,



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

nunca lhes faltava mercadorias para usarem. Para outro patrão bom, eles já tinham trabalhado.

Mas eles pensaram que não estão ... Antes, o patrão que já tinham trabalhado, não estava fazendo com eles, o que fazia com outros, que tinham achado um terceiro patrão. Ele estava enganando. As pessoas trabalhavam muito com caucho e negociavam com peles, até que não quiseram mais trabalhar com ele e abandonaram o patrão. Quem matou o patrão deles foi Chapiano.

Neste tempo, só havia homem antigo, o Domingos que tomava conta das pessoas, dos parentes dos rios. Neste tempo já havia meu pai que era o tuxãua, o cacique da maloca. Ele conseguiu ajudante e repartiu a terra, que uns filhos ficaram tomando conta: uns ficaram no Curuçá e outros ficaram em outro lugar; moravam perto. Cada cacique ficava na sua maloca. Eram caciques mesmos, antigos. Moravam lá: o pai, os irmãos deles, o irmão do pai do Dionísio. Estavam mentido para eles, que outros grupos de maloca falavam mal, que as pessoas queriam matá-los, atacar as malocas e aí eles brigaram.

Neste tempo o meu pai era pequeno ainda, os primeiros irmãos eram rapazes, homens casados. Eles mataram os irmãos e deixaram dentro da cidade mesmo. Foi lá que meu pai, Domingos, criou-se, dentro da cidade. Quando eu era pequeno ainda, deixaram eles no Brasil, sendo criados lá. Quando chegaram aos 18 anos, já sabiam falar português, eram brasileiros mesmos. Eles tinham deixado os parentes dentro do Brasil. Não queriam voltar mais para a maloca, não tinham parentes. Tinham um parente, irmão de criação, que estava na cidade, passando bem. Então, nós fomos chamar eles para morarem conosco, como nós moramos aqui dentro da nossa maloca. Eles buscaram meu pai na cidade. Ficaram mais caciques, de verdade, gostavam das pessoas. Eles ficaram muito importantes de caciques. Era um cacique muito importante de maloca, todos agradavam-se dele. Eu sou o filho dele, Raimundo, que estou contando esta história para vocês ouvirem como foi nosso passado e (quem eram) os antepassados.



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

Neste lugar que eu disse, Curuçã, em que ficava o irmão de Domingos, parente do meu pai, acabaram-se, os mataram. Acabaram os homens antigos. Foi neste tempo que acabaram os homens velhos e os tuxãuas de maloca. Chamaram meu pai que fora criado na cidade. Ele foi colocado no lugar dos velhos que morreram, ficando como cacique de maloca. Ficou no lugar dos caciques que morreram. Nós éramos todos meninos, ainda. Fomos morar cada família espalhada, na mata. Decidiram arrumar um outro lugar novo e foram morar nele. Vamos ficar morando, nossos velhos e caciques que morreram, da maloca. Eles queriam que nossos filhos não abandonassem, aqui, a nossa área. Aí, eles pensaram, combinaram com nossos parentes e ficaram lá.

Ficaram neste lugar, eles não tinham conseguido as mercadorias dos brancos. Acabaram as mercadorias e as ferramentas que os homens antigos tinham ganho no Brasil, dos homens civilizados. Quando acabaram, eles estavam lutando, pelejando para conseguirem outras mercadorias para eles, pensando que iam arrumar outro patrão bom para trabalharem para ele e arrumarem mercadorias. Eles pensaram assim.

Naquele tempo que ele ficou como cacique de maloca, o meu pai já tinha casado com minha mãe e foi tirado de dentro da cidade. Ficou. Virou tuxãua lá da maloca. Ficou no lugar dos antigos que morreram. Aí, acabou a história do homem antigo, de como foi (nosso) passado e dos antepassados. Terminamos de contar a história dos homens antigos, agora, vou começar a do tempo do meu pai.

O Dionísio ficou morando nesse lugar, construiu maloca e ficou morando lá. Não conseguiu armas de civilizado, roupas e mercadorias. Quando acabou o que eles usavam, cartuchos, espingardas, passaram a usar arcos e flechas. Eles achavam que não dava para matar caça e alguns matavam gente e comiam. Aí eles pensaram: vamos arrumar patrão para trabalhar com ele e comprar espingardas. Pensaram realmente que iam comprar. O Dionísio pensou que ia conseguir patrão.

Já tinham ouvido histórias que foram contadas, que haviam brasileiros lá dentro do rio Juruá. Então fomos

conversar com eles para arrumar mercadorias para a gente. Se eles conseguiram arrumar mercadorias, nós vamos trabalhar para eles, cortar seringa, fazer caucho e peles de porquinho. Eles compravam peles. Os Marúbo pensaram e tiraram (sairam) no rumo do Juruã. Saíram lá, saíram na cidadezinha que se chama Boa Fé. Saíram lá e conseguiram patrão. Falaram para ele que estavam passando necessidades, queriam pegar mercadorias. O homem falou que arrumava. Eles conseguiram, pegaram um pouquinho de mercadoria e voltaram para trás, para a maloca e foram trabalhar. Começaram a comprar mercadorias deles.

Passou pouco tempo, uns 30 anos, meu pai morreu, foi picado de cobra. Ele estava fazendo caucho (quando) a cobra o mordeu. Naquele lugar, só o Dionísio era o tuxáua legítimo. Naquele tempo eu era rapazinho, tinha uns 18 anos. Mais tarde fiquei no lugar do meu pai. Eles só tinham que comprar as mercadorias, eu era o cacique da maloca de meu pai. Quando ele morreu, não ficou ninguém como cacique da maloca. Aí, eu aprendi, porque morreu meu pai. Eu fiquei mal, fiquei triste, fiquei pequeno. Como eu vou criar meus irmãos e minhas irmãs? A (minha) mãe não tinha aprendido nada. Aí, eu fui para a cidade.

Chegou um homem americano na nossa maloca quando a gente morava na cabeceira do rio Ituí. Ele chegou lá, conversou com a gente. Passou um ano com a gente lá.

Começaram aparecer os civilizados, a gente conversava com o pessoal. Eu vou passear na cidade, não sei (daqui a) quantos anos voltarei. Quero ir aprender a falar português, como meu pai que falava muito, falava um português claro. Naquele tempo eu não tinha aprendido falar português, porque o meu pai falava só a (nossa) língua. Ele não tinha aprendido a língua de brasileiro, eu também não aprendi, não ensinou o português. Ele só falava comigo na sua língua.

Aí, eu comeci a andar pelas cidades. Fui à Manaus e passei um ano andando por lá. Passaram uns três anos e mandaram me chamar, minha mãe estava precisando de mim. Voltei da ci-



dade para cuidar, aqui, os meninos pequenos, meus irmãos. Eles não sabem trabalhar, cuidar da roça, não sabem da casa, estão passando necessidades. A mãe mandou me dizer, mandou uma carta, aí voltei da cidade.

Cheguei na maloca e comecei a trabalhar com os patrões, ganhando mercadorias. Assim, a gente começou a conseguir a cuidar da nossa maloca, da nossa área. Desde pequeno que comecei a cuidar da minha maloca, da minha área e de meus parentes. O que lhes faltava, nós íamos ganhando mercadorias do civilizado. Nós conseguimos, porque tínhamos aprendido a falar um pouquinho de português, só em falar com os brasileiros, sabíamos falar português. Conseguimos, planejando, comprar mercadorias. Eu vinha trabalhando muito, muita gente botei como seringueiro para trabalhar na seringa. Assim, conseguimos, trabalhando.

Naquele tempo tinha outro marreteiro que comprava tantas coisas, porque cuidava só das mercadorias deles. Eu tinha muitos parentes, além daqueles que tínhamos formado de ajudante para outros grupos de maloca. A gente pensou que eles compravam mercadorias. A gente começou a trabalhar com esse pessoal. Foi lá que esse homem, o Carlos, que não estava gostando dos parentes, estava morando na aldeia. Conseguimos usar mercadorias do civilizado que já tínhamos conseguido, trabalhando com patrão bom e também ganhando dinheiro. Muitas coisas que faltava, ele conseguia para a gente.

A gente decidiu com nossos parentes que não íamos para outro rio para trabalhar, que aqui ... dá certo, tem tanta gente nessa área. Nós pensamos que conseguíamos outro lugar para morar, fazer outro lugarzinho junto com as famílias. Assim, conseguimos este lugar na nossa área. Viemos morar no Ituí. Primeiro, a gente foi morar na cabeceira do rio Ituí, dentro da mata mesmo. A gente pensou que ficava muito longe, lá na beira do rio. Queríamos trabalhar, cortar seringa. A gente enchia as (tigelas da) seringueira, a 5 horas de distância. Um pedaço de terra ficou sobrando, ficou muito. Levava um mês para terminar (o trabalho de coleta) neste



rio.

Outra vez, noutro ano, Faustino chegou na nossa aldeia, pedindo ao pessoal da maloca para comprar os produtos dos Marúbo de lá. Passou uns 15 anos por lá, comprando. Ele era patrão mas enganava muito a gente. Todo mundo trabalhava para ele, mas enganava a gente. Ele pagava pouco e lá, conhecemos gente que ele não pagava, enganava as pessoas. Largaram esses patrões e abandonaram esse homem, Faustino.

Antes deste homem sumir, chegou o missionário. Chegou primeiro na nossa aldeia. O nome dele era José Moreno. Chegando lá, falou ao pessoal da aldeia que lhe contaram (os fatos). Esse outro homem, que eu disse, o Faustino, que está enganando muitos as pessoas lá da aldeia, (foi o que) disseram ao Americano. Então, vocês não trabalham mais para ele, vocês estão perdendo dinheiro.

Eu vou mostrar, levo seus produtos lá para cidade. Aí, eles entregaram os produtos, borracha, caucho. Naquele tempo compravam peles de porquinho, de onça. Ele levou um bocado e vendeu lá em Cruzeiro do Sul. Eles viram, venderam e depois voltaram à maloca e fizeram o pagamento do pessoal, que acreditaram que era verdade mesmo. O homem não estava enganando. Aí, esse homem sai para fora, retorna, não ficando ninguém tomando conta desse pessoal, dos Marúbo da aldeia. Foi só dessa vez que esse homem, que mentia, enganou muita gente comprando os produtos de 1.000 a 3000 toneladas de borracha e vendia na cidade, mas pagava pouco. Achamos que ele estava nos enganando mesmo, abandonamos esse patrão. Isso foi no tempo de 1932.

Ele foi uma vez na nossa aldeia, o José Moreno (missionário). Ele tinha ido duas vezes na nossa aldeia, quando lá chegou outro americano, Roberto, é o nome dele. Nesse tempo o pessoal do Carlos, no Curuçá, que tinha arranjado outro patrão, Tomás Maia, pediu para o pessoal do Carlos trabalhar para ele. Aí eles foram trabalhar.

Tinha conseguido patrão bom para trabalhar com ele. Neste tempo mesmo, o meu pai, o Dionísio, morreu. O meu pai era o tuxãua da maloca. Era o cacique que tomava conta da maloca



do rio. Esse rio depois que ele morreu passou para mim. Passou três meses e eu arrumei emprego para trabalhar na missão (com o) missionário. Aí, o americano levou-me para Manaus. Passei 3 meses e voltei para a maloca, tinha muita gente que trabalhava para o Tomás Maia. Alguns não ganhavam nada, outros ganhavam. Era muita gente e a mercadoria não dava para todos os homens e mulheres.

Eu cheguei, voltei para a minha aldeia. Consegui rapazes trabalhadores, era o tio, tinha dois tios e meus irmãos. Nesse tempo eu era pequeno. Comecei a achar (procurar) essa área do rio Ituí para morar na beira do rio. Nós conseguimos morar dentro do rio Ituí. Nesse tempo não tinha gente no rio. Era silencioso, não tinha ninguém morando no rio Ituí. A gente começou a morar lá. A gente passava bem. Nesse tempo eu também trabalhava para um patrão que nunca faltava as coisas que a gente precisava. Ele gostava da gente, dos meus parentes que trabalhavam para ele. Começamos a trabalhar e achar um patrão bom, mas nós (fomos) daí para trás. Nós fomos pessoas enganadas e muita gente foi enganada. Os nossos parentes queriam trabalhar, arrumar um patrão bom para trabalhar com ele, mas nunca arrumava. Trabalhavam uns poucos anos e não prestava, porque eles roubavam demais. A gente largava de trabalhar para eles, assim era todo tempo.

Naquele tempo eu consegui um patrão, consegui o Antônio Maia. Ele era um bom patrão, nunca me faltava, quando precisava as coisas, ele dava mesmo. O meu patrão, é o meu compadre, esse homem que eu trabalhava naquele tempo. Quando ele foi embora para o Cruzeiro do Sul e (de) lá foi embora para Belém, nunca mais apareceu. Agora, a gente chamando assim, muitas vezes, todos os anos, mas vem notícias e também as pessoas, (dizendo que) não falaram com ele, que foi embora de uma vez. Só esse que foi patrão bom mesmo. A gente trabalhava com ele quando foi embora, a gente ficou assim, não conseguíamos patrão bom como ele. Todo tempo ficando assim, o patrão que a gente arrumava para trabalhar com ele, enganava muita gente. Arrumávamos outro patrão e enganava a gente e ficávamos do mesmo jeito da outra vez que tínhamos conseguido.



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

Aí, foi indo e arranjamos o Newton Costa. Também ele não fez nada para trabalhar como bom patrão, não dava, não comprava muitos produtos e pagava menos. Pagava pouco e enganava a gente. Aí eu larguei esse patrão e fui arranjar outro. Quando a gente largou o Newton Costa, apareceu o segurança da FUNAI e os Índios começaram a ir com ele. Os Índios começaram a ouvir falar da FUNAI, negócio (no rádio?) da FUNAI e nós ouvimos o segurança deles. Conseguimos ouvir (que) era em 1944. Nós ouvimos no negócio (rádio?) da FUNAI, que foi em 1944, mas foi 1968 que nós começamos ouvir falar na FUNAI. Ouvimos falar na FUNAI, as pessoas falando no negócio (rádio?) da FUNAI.

Nós conseguimos com a FUNAI, conversarmos com ele (o Presidente?). A gente pensa que a conversa dele é verdade. A gente falou com o pessoal da FUNAI e eles falaram bom comigo: ajudaremos vocês, como é que a gente trabalha, como a gente ganha dinheiro. Eu estava esperando, esperando, trabalhando, trabalhando em pouquinhas coisas, fazendo serviços em casa. Esperamos uns 8 anos nunca chegaram. A conversa dele para a gente, era para (sermos) pessoas boas com ele. Nunca atenderam, nunca chegaram, nunca chegaram. Eles queriam projeto para a gente. A gente esperou até...

Está com mais de 8 anos que esperamos, mas aqui na nossa área o projeto da FUNAI nunca recebemos. É isso que queremos falar com você. Minha área fica longe, ninguém da FUNAI aparece lá, viajando de barco e deixando mercadorias para a gente, ferramentas. É com Manoel que falamos todos anos, com quem a gente fala mais. Ele nunca entrega às pessoas o material para trabalharem. Falamos muitas vezes, mas ele não entrega. Antes já tinha esse negócio da FUNAI.

A gente conseguiu com o Americano que ele ajuda-se, porque ele trabalha na Farmácia cuidando das pessoas doentes, tratando dos doentes. Se não fosse ele, as pessoas já tinham acabado, os Marúbos. Adoecem muita gente, muita gente querendo morrer todos anos, mas ele cuida. Fica assim difícil quando estavam morrendo.



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

Ele trabalhava, trabalhava quando pegavam doença. Ele cuidava , tratava para não morreremos, para não adoecermos muito. Ele é muito importante na missão de tratar as pessoas. A gente não sabe nada, tratar das pessoas e também dar os medicamentos, os remédios para as pessoas doentes e dar injeção nos índios que estão sentindo o corpo com dor. Esse jeito nós não aprendemos, por isso que precisamos dele morando aqui na nossa terra. Nós gostamos dele, não faz nada com a gente, só cuida das pessoas doentes. Ele é muito bom para a gente, o missionário é muito bom.

Agora vou contar outra coisa: o Americano missionário vem aqui na nossa aldeia cuidar das pessoas doentes e também ensina a falar (Palavra) de Deus. Primeiro ele morava junto com os Marúbo e quando viajava de barco a motor, gastava 400 litros de gasolina para ir e voltar, só para subir. Ele conseguiu fazer a pista para descer o avião na nossa área. Ele morava com os Marúbo, na Missão Novas Tribos do Brasil. Nós precisamos muito dele porque cuida bem das pessoas doentes, das pessoas passando mal , ele cuida bem.

Agora um cacique da maloca, que ajeitou a maloca , conseguiu falar com os brasileiros, conhecer a cidade. Gostaria de arrumar mercadorias dos civilizados, que a gente precisa para usar. Eu é que mando essas coisas, pois aprendi primeiro. Sou dono do Ituí e das Novas Tribos do Brasil, assim fala o Raimundão. Eu sou como as pessoas que trabalham assim. Eu sou como o governo das pessoas, o governo das aldeias, assim fala o Raimundão. Eu sou o governador que manda essas coisas para a gente fazer , sou eu, o Raimundão, fala assim o Raimundão. Não há pessoas como eu, que pensam como eu, pensam as coisas direito, as coisas certas, usam as palavras certas e a história não é mentira. Esse negócio de mentira, mentindo para os outros, eu não gosto, se for assim, as pessoas que são mentirosas a gente não gosta. Eu sou assim.

Na minha vida eu sou um cara prático, prático. É o melhor que tenho na vida, eu penso, sou eu mesmo, não há outras pessoas como eu. As pessoas, meus parentes, não querem falar com os brancos porque têm medo deles. É o jeito deles não querer fa

lar porque tem medo dos brasileiros. Quem conseguiu falar, ajeitar e melhor comunicar-se com eles, que conseguiu, fui eu mesmo que consegui falar com os civilizados, usando o material dos brancos e as coisas, as ferramentas. Quem conseguiu primeiro foi o Raimundo, por isso que a gente fala assim quando precisa de material.

Manoel e o barco da FUNAI trabalham para o Índio, por isso que a gente pergunta, aperreia ele que pode comprar para a gente, nós esperamos. Queremos mostrar nossa atuação, nosso serviço, que a gente trabalha muito, estamos mostrando para eles mas a FUNAI aqui perto da nossa aldeia não funciona nada. Eles só vêm aqui, algumas vezes, na nossa aldeia falar com a gente, só enganando as pessoas da nossa aldeia, quando falam com a gente.

Quando eles falam com a gente, são bons com a gente. Eles conversam com as pessoas, falando assim do negócio de projeto, de material que mandam para nós. Vamos trazer projeto para vocês, mas nunca chegar. Por isso, não gosto que mentem na minha frente. Há pessoas que mentem para mim, eu não sou um cara mentiroso, eu só falo a verdade, eu só falo assim. É muito importante que a gente quer usar isso que a gente gosta.

No tempo que eu fui à Manaus, com o missionário, eu passei três meses. Quando eu voltei de Manaus, cheguei na aldeia e falei para os parentes. Naquele tempo tinham medo dos brasileiros, não gostavam de conversar com eles, não tinham coragem de arrumar as mercadorias, mas eu conversava. São gente boa como nós, não tenho medo deles, não matam a gente. Eles são como nós mesmos. Eu já sei falar português, já sei falar a língua deles e agora nós vamos trabalhar, vai ficar melhor para a gente, ganhar dinheiro que a gente precisa. Agora vamos comprar, eu disse para eles. Combinei com todos os parentes.

Naquele tempo eles não tinham coragem de ir à cidade, sair fora do rio, fora da mata. Eles não queriam que as pessoas saíssem fora para morar na beira do rio, na beira do rio grande. Eles não queriam, mas quando cheguei lá, conversei direitinho, até que quiseram ir morar na cidade. Querem falar portu-



guês, falar com os civilizados . Ainda conseguiram, no começo , as pessoas de outras tribos. Quem conseguiu falar com os brancos fui eu mesmo que consegui falar.

Hoje em dia todos gostam de brasileiro. As pessoas querem morar na aldeia e outras ficam falando de só quererem morar com brasileiros. Até hoje em dia, eles ficaram assim, como brasileiros. Nós somos todos brasileiros, aqui todos aprendem a arte de vocês. Queremos trabalhar numa fábrica, queremos trabalhar, aprender para ficar enfermeiro, ficar professor. A gente quer estudar muito para aprender as coisas e trabalhar. Queremos aprender mais. A gente queria estudar, mas aqui não tem professor, não ensina nada aos meninos. Estão todo tempo assim.

Nós só falamos nossa língua. Queremos falar a língua para falar com vocês. Todo o mundo gostando de morar com brasileiro, ainda há pessoas querendo morar na cidade. Queremos usar as mercadorias do civilizado. Agora todo mundo (está) acostumado, ficando brasileiro mesmo, na nossa aldeia. Por isso, que a gente precisa de muita coisa, por isso que a gente pede esse negócio de ferramentas ao Manoel. Muitas pessoas estão precisando, por isso que a gente fala e muitas vezes vocês arrumam para a gente.

Por isso que a gente gosta de morar com os missionários, eles são assim, cuidam das nossas doenças, das doenças das pessoas e estão sempre ajudando, tratando gente doente. São pessoas sérias, pessoas que ensinam como é que a gente faz; como é que a gente aprende a estudar; como é que a gente aprende coisas, a falar; como as pessoas da cidade que aprendem histórias de portugueses mesmo; como é que arrumam emprego; como é que aprendem a falar português, eles ensinam. Vamos ver se eles vão ensinar a gente falar português, vamos aprender. Eles vão ensinar os meninos a estudar e a falar português. Agora essas pessoas são assim.

Regatão e outras pessoas que moram na cidade, que moram perto da nossa aldeia, ensinam as coisas erradas e também mexem com as mulheres Marúbo. Assim a gente não gosta deles. Se fosse assim, a gente os tinha mandado embora, não moravam mais



aqui na nossa aldeia. Os missionários são boa gente, por isso que nós gostamos que eles morem junto conosco, (ajudados) pelas Asas do Socorro, avião da Missão. Fui eu que dei um jeito para eles deixarem, soltarem o avião deles porque sempre trazem medicamentos para tratar das pessoas doentes. Por isso que quando eles saírem daqui, a gente fica sem medicamentos, sem o doutor, sem a enfermeira e morre todos os meninos, os homens grandes, os homens. Por isso que a gente os segura. Eles não saem daqui da maloca e só eu que não deixo eles saírem do canto e irem embora para a terra deles. A gente está segurando para que morem aqui. (Depois que) os Índios aprenderem a tratar as doenças das pessoas, saberem a ler e saberem tratar as pessoas doentes, aí nós não precisamos mais deles, podem mandar embora, mas agora não deixamos mais eles saírem daqui da nossa aldeia.

No tempo das pessoas antigas que sabiam cantar, curar gente doente, tinha muita gente que sabia cantar em cima do doente e se tratava com eles. Curavam gente doente, mas hoje em dia essas pessoas velhas já estão acabando. São quem sabem falar, só quem sabe curar gente doente, é o João. Agora se ele... morrer, não tem mais ninguém e as pessoas novas não aprenderam isso, curar gente.

Por isso que a gente segura os missionários para não saírem daqui. Eles são boa gente, por isso que a gente gosta deles, que morem aqui na nossa aldeia, junto com os Marúbo. Damos o terreno para eles morarem até quando a gente aprender a tratar as pessoas, que os Índios mesmo saibam e aprendam a tratar as pessoas doentes e também saibam ser médicos, a tratar muito mesmo, com remédio de injeção. Se aprendessemos, a gente não precisa mais deles.

Estamos achando que se eles saírem aqui da nossa terra, a gente não consegue mais uma pessoa como eles, que cuida dos caboclos daqui. Os medicamentos que eles (missionários) conseguem, compram com o dinheiro deles. Por isso que eles não precisam do dinheiro da gente para comprarem os medicamentos e



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

tratarem as pessoas. Agora, se os missionários saírem daqui, se nós tirássemos eles para fora, a gente não consegue mais dinheiro para comprar medicamentos, não consegue mais o jeito de trabalhar, o jeito de fazer tratamento das pessoas. Por isso, que a gente (estã) querendo (que) morem até mais (um pouco), que a gente (estã) segurando eles. (Antigamente), as pessoas vendiam as mercadorias, vendíamos nossos produtos por Cruzeiro do Sul, levando nas costas, carregando nas costas, gastando um dia e meio para chegar lá, saindo no outro rio.

O missionário logo conseguiu, não precisávamos agora de mercadoria, de negócio de arma de civilizado. Compramos para vocês. Ele falou assim para a gente. A gente ficou gostando dele, por isso que a gente mora com esse missionário. Por enquanto, eles compram nosso produto, pouquinho. Esse produto vendíamos na cidade. Quem manda ele comprar, sou eu. Ele vende as coisas para a gente, ele sabe, porque a gente conversa com ele.

As pessoas daqui fazem borracha, fazem 200 kilos. Levavam e vendiam na cidade, compravam as coisas e conseguiam (também) comprar as coisas dele. Eles precisam mais, ainda mais. Quando (os Marúbo) voltavam lá da cidade, traziam muita doença. O pessoal chegava aqui na maloca e um instante pegava essas doenças e quase morriam todas as pessoas. Por isso, que a gente manda o missionário comprar os produtos e levar, carregando no avião dele para vender na cidade e ainda dá para gente ganhar um pouquinho de dinheiro.

Agora, alguns Marúbo falam para o missionário que ele é americano e não (estão) gostando dele morar aqui junto com as pessoas. Aqui, as pessoas contando para vocês (FUNAI), algumas dizendo para vocês que não podem tirar ele daqui da nossa terra. Agora, quando vocês (não) precisando, não gostando mais (dele porque) está morando aqui com a gente, na nossa terra. Quando vocês (não) precisam, (eles) empatam vocês, que não querem que ele more aqui em Vida Nova, na Missão. Agora, perguntem o que vocês quiserem, quem manda sou eu, o Raimundão. (Se) vocês querem tirar o mis

sionário para fora, tem que me perguntar, quem manda sou eu.

Terminei de contar a minha história. A história que eu contei para vocês ouvirem. Ao terminar essa história (repetição) para vocês aqui na minha aldeia, eu estou planejando. Queria falar com vocês (FUNAI), mas a gente não conseguiu ter a passagem até lá (Brasília). Eu tenho que contar muitas histórias para vocês ouvirem, como é que a gente passa aqui, como nós estamos passando na nossa terra, na nossa área. Essa história já contamos.

Agora vocês (FUNAI) me respondam, se vocês escrevem para mim, escrevam uma carta. Se vocês não escreverem, mandem uma fita da sua história para mim. Eu quero ouvir a sua história, ouvir o seu nome. Aqui a gente, todo mundo não conhece vocês. Eu sei que vocês estão planejando aí na sua terra. Manda seu nome para a gente saber o que vocês estão pensando aí na sua terra. Também quero ouvir, queremos ouvir a sua história e (o) seu pensamento. Eu quero saber da sua história também. Então, eu mando a Delvair (especialista na cultura Marúbo) gravar história do Presidente de Brasília. Quero ouvir a história de vocês. É melhor ela conseguir uma fita cheia de histórias do Presidente. Eu quero ouvir com os meus parentes aqui na nossa terra. Vamos ouvir o que vocês estão pensando na sua terra.

Eu vou explicar outra coisa: o meu irmão é o médico (João Pajé) daqui da nossa aldeia. Saiu da sua maloca. Ele é uma pessoa importante. É um curador de doenças e ele saiu daqui (veio ajudar a montar a exposição do IX MOITARÁ). Sua família está sem cuidados, a mulher dele está meia adoentada. Eu quero, se ele demorar muito em Brasília, que a Delvair consiga a passagem para ele voltar logo. Eu quero que (dê) essa passagem ao terminar de fazer a Exposição de Artesanato. Ao terminar, que ela mande ele de volta para mim, para nossa maloca. Assim que eu estou pensando aqui. Ela já está acostumada a ouvir as palavras das pessoas daqui. Ela conhece muitas pessoas. Ela já sabe o jeito que eles falam aqui; das várias tribos que ele manda. Então, ela fala para vocês



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

arrumarem logo a passagem para ele (João Pajê) voltar logo. Só is
so que eu queria dizer para vocês.